

# A PERFORMATIVIDADE DO CAMINHAR

## Uma possibilidade de análise espacial em Petrópolis/RJ

*THE PERFORMATIVITY OF WALKING*  
*A possibility of spatial analysis in Petropolis, RJ*

*Alline Margarete da Mota Serpa<sup>1</sup>*

### Resumo

Este trabalho propõe uma análise do espaço urbano de Petrópolis, RJ, a partir de duas áreas com distintas cargas simbólicas, tendo o caminhar como fenômeno percebido a partir de sua performatividade. Conceitos ligados à ideia da corporeidade, performance, técnica, transformação urbana e espetacularização auxiliam na caracterização de ambientes e estruturas espaciais, bem como nas suas relações estabelecidas com o corpo. A metodologia se dá a partir da contextualização dos recortes escolhidos, o reconhecimento de suas cargas simbólicas e estruturas espaciais, e a descrição das formas de uso, atravessamento e apropriação dos corpos caminhantes neste espaço usando uma narrativa livre apoiada em imagens reais dessas localizações. As análises possibilitam um entendimento dos fenômenos gerais e específicos a cada recorte dentro de uma cidade de menor escala, permitindo, através das experiências, um diálogo com os conceitos explorados à luz da reflexão crítica sobre o espaço urbano como plataforma de valor e produção.

Palavras-chave: corpo, performance, espaço urbano, Petrópolis.

### Abstract

*This paper proposes an analysis of the urban space of Petropolis, state of Rio de Janeiro, considering two areas with distinct symbolic roles, having the walking as a phenomenon perceived through its performativity. Concepts related to the idea of corporeality, performance, technique, urban transformation and spectacularization help in the characterization of environments and spatial structures, as well as in their relations with the body. The methodology is based on the contextualization of the chosen places, the recognition of their symbolic meaning and spatial structures, and the description of the ways of use, of crossing and of appropriation by the walking bodies in those spaces using a free narrative supported by local images. The analyses enable an understanding of the general and specific phenomena of each clipping within a smaller-scale city, allowing, through experiences, a dialog with the concepts explored in the light of critical reflection on urban space as a platform of value and production.*

*Keywords: body, performance, urban space, Petropolis.*

### Considerações gerais

O presente trabalho propõe um debate sobre o espaço público na perspectiva da relação corpo-território, apoiando-se nos estudos da performance como lente crítica sobre a prática do caminhar dentro da cidade de Petrópolis, RJ, um município de porte médio cuja contemporaneidade possibilita análises da experiência urbana ora distintas, ora semelhantes às das grandes cidades. É parte de uma pesquisa de tese ainda em andamento, com escopo mais amplo e questões inconclusas porque é experimental, e seu processo está em curso.

Debater a cidade é objeto desse estudo porque nos inquietamos com os fenômenos urbanos aparentemente normalizados; a forma como os espaços se atualizam e atualizam movimentos, permanências e apropriações, bem como o fazem seus agentes, podem ser importantes pistas para compreendermos as transformações urbanas que afetam o uso da cidade, e também o contrário: como a forma de usar os espaços urbanos trazem novas implicações para cada lugar e sua teia simbólica.

As contradições urbanas estão dadas historicamente; a cidade é constituída por forças assimétricas que disputam quando, onde e que corpos estarão em determinados espaços, bem como o que se espera deles. O sistema racional-capitalista impõe os ritmos dos lugares a partir de uma noção de espaço-mercadoria que planifica as formas de utilização. Corpos e objetos estão dispostos a partir das funções esperadas, e ritmo e velocidade são fatores importantes para a manutenção de certas práticas em detrimento de outras. A demarcação das divisas entre o público e o privado se atualiza diante de novas regras que não estão explícitas, não são debatidas e nem inclui a todos, levando ao confronto entre o tradicional e as resistências locais.

A performatividade pode ser entendida como um dispositivo de intervenção a partir de uma ação cotidiana: o caminhar comum, gesto de atravessamento de territórios para as demandas ordinárias. No entanto, limites e porosidades estão dados pela espacialidade e novos códigos de conduta atualizam essas bordas, gerando incertezas e sujeitando o indivíduo ao lugar a partir de certa forma estabelecida.

Assim, podemos pensar que o caminhar é uma prática performativa que dialoga com o meio, o questiona e subjuga, ao mesmo tempo que possui autonomia limitada para a ação. As regiões estudadas – duas áreas simbólicas distintas do município – carregam estruturas espaciais com forma, história e conteúdo bastante distintos e o caminhar possibilita uma maneira de analisar as forças e ações em curso.

Importante ressaltar que parte das análises presentes se dá em um momento em que a forma de circulação (ainda) está sob influência do risco e da incerteza em função da pandemia de Covid-19 e as necessidades de distanciamento-isolamento para garantias mínimas de segurança. Mesmo assim, os espaços têm estado densos e ativos, com atividades muito similares ao cotidiano anterior. Não observamos alterações consistentes, no momento da análise (Novembro 2020), em relação aos dias pré-pandêmicos.

### O movimento como fenômeno decorrente do acúmulo técnico na cidade

O tema do movimento nas cidades suscitam muitas questões: a transitoriedade, os deslocamentos, a eficiência, os custos, etc. Conforme o próprio fenômeno se intensifica, também se processam mais estudos que relacionam suas condicionantes, as relações estabelecidas e tantas outras questões não completamente respondidas.

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003), Especialista em Gestão de Infraestrutura em Saúde pela ENSP/Fiocruz (2009), Mestra em Engenharia Urbana pela Escola Politécnica da UFRJ (2014) e Doutoranda no PROURB/UFRJ (desde 2018). Tem trabalhado com os temas de planejamento e projeto do espaço urbano em coordenação e desenvolvimento de projetos, pesquisa e docência pela Unigranrio (RJ) e pela Universidade Católica de Petrópolis (RJ). E-mail: alline.serpa@gmail.com

As cidades modernas elevaram ao grau máximo a conversão dos espaços para que o movimento se fizesse. Cada vez mais acelerado, sua relação com o tempo tem levado ao aprofundamento técnico necessário para que seu processo se dê de forma eficiente, dado que os deslocamentos de coisas e pessoas são entendidas como extensão do processo produtivo capitalista.

Perceberemos que as induções para o movimento estarão, cada vez mais, nos motivos de partida e chegada, e a forma de deslocamento será um fator de escolha para que ocorra da melhor maneira possível diante de muitos fatores. Um deles é o próprio território atravessado. Os fluxos se dão pelas possibilidades do movimento em si e pelos fixos do espaço percorrido (SANTOS, 2006) – este que acumula um histórico de atualizações através da técnica. O conjunto ilustrado produz uma relação interdependente onde os referentes simbólicos em todos esses componentes estão dados e sujeitos à alteração conforme o tempo – atualizando-se assim também a relação tempo-espaço percebida a cada momento.

As estruturas espaciais e a forma de percorrê-las podem revelar o tempo acumulado pela expressão das técnicas aplicadas, produzindo novos espaços hierarquizados, onde a noção de controle e subordinação nos auxilia na percepção de espaços desiguais a partir da forma (em suas múltiplas camadas visíveis e invisíveis) como os atravessamos. As condições de atravessamento, permanência e apropriação estão sujeitas a regras específicas do lugar a partir das zonas de interesses e regulações formais ou informais, reposicionando os limites entre espaços privados e públicos, por exemplo, ou evidenciando espaços privatizados.

De forma solidária, a maneira de se movimentar tem relação com a forma de ver a própria cidade, onde o tempo se apresenta como um dos fatores de estudo – ele nos auxilia a entender que o movimento produz uma transitoriedade mais marcante quanto maior sua instabilidade territorial. É o mesmo que afirmar que o corpo que percorre um espaço cria uma permanência mais breve por maior velocidade de seu percurso e traz, como resultados percebidos, uma aderência menor aos lugares percorridos, reformulando para si os seus significados. Em última análise, a forma de se movimentar influencia a forma de ver a própria cidade, afetando suas práticas culturais, seus espaços de encontro e socialização e sua condição de interferência.

Assim, essa implicação corpo-território-corpo está dada e intensificada nos tempos modernos por uma racionalidade produtivista que densifica suas ações através de camadas técnicas-funcionais-informacionais a partir de Santos (2006), planejando as soluções do espaço percorrido. O urbanismo é o campo de conhecimento que vem determinando as intervenções e atualizações que produzem espaços urbanos eficientes para que um determinado movimento (ou forma de movimentar, ou agente em movimento) esteja garantido e priorizado. Acelerados, os corpos urbanos estão encapsulados por novos dispositivos técnicos (a motorização) para atender às expectativas da produção, que demanda rapidez e continuidade. Os espaços cada vez mais cumprem uma função de passagem de fluxos com alguns pontos valorizados no caminho, reservando ao atravessamento uma experiência empobrecida e amnésica.

Esses fenômenos trazem um tempo de atravessamento dos territórios entendidos como um *tempo rápido*, flutuante sobre o espaço, onde o agente em movimento possui, em geral, menor controle. São espaços onde a mediação do corpo se dará através de regras próprias de uso e apropriação. Ainda assim será possível um *tempo lento* para outros corpos que experimentarão uma aderência e uma forma mais sensível de relação com o território percorrido, como o caminhar. O corpo caminhante possui outra mediação e percorre os espaços nos auxiliando a entender, enquanto o faz, a própria produção do espaço urbano (RIBEIRO, 2012; FORTUNA, 2018).

Os agentes caminhantes na cidade possuem diferentes condições de fazê-lo, cujas pistas são possíveis a partir de sua representação e pertencimento social. Restrições e privilégios estão relacionados ao seu corpo simbólico nos espaços simbólicos, se compreendermos o valor do movimento lento quando relacionado às possibilidades de consumo do lugar (dentro de uma perspectiva mercantilizada do espaço urbano), sujeito a formas severas de controle. Quais, onde, como e quando os corpos poderão exercer sua condição de atravessamento se apoiam, mais uma vez, num acúmulo técnico do território cuja reprodução é percebida de forma heterogênea no espaço, produzindo resultados desiguais com circunstâncias de controle variadas. O corpo caminhante é um agente em atravessamento que pode nos ajudar a denunciar essas diferenças.

A paisagem urbana dos territórios atravessados também denuncia as intenções de cada lugar, cuja estética cristalizada (e em atualização) evidencia uma intensidade-velocidade de alteração do meio a partir das ações do Estado, mercado e a sociedade, que disputam interesses e produzem camadas ao longo da história. Os conceitos racionais desses espaços se alinham a comportamentos previsíveis e interessantes ao capital: consumo, circulação de bens e pessoas, apropriação valorizada. Será garantida aí uma *harmonia conduzida* através da pacificação das relações entre os agentes e os lugares funcionalmente especializados, cuja normatização endurece os movimentos e intensifica as relações hierárquicas.

Todo o contrário será entendido, nesses espaços, como irracional e ilegal – é o que ocorre nos espaços intersticiais (ou espaços negativos), onde a informalidade se sustenta (e sustenta o lugar) através de redes ramificadas constituídas pelas populações marginais (SANTOS, 2006; CARERI, 2013; 2017). São também compreendidos como espaços residuais onde o tempo lento se faz mais possível através de uma outra racionalidade cotidiana.

Esses são identificados como *espaços opacos* (SANTOS, 1998; RIBEIRO, 2012) frente aos *espaços luminosos* a partir do caráter de valorização e das possibilidades de vida. O pensamento dominante os classifica, em geral, como feios e perigosos, menos sujeitos à rigidez, à dependência técnica e à artificialidade, porém não dispensam estratégias próprias de sobrevivência. As práticas desses territórios são aquelas da ordem local que valorizam mais a intimidade e a socialização, com laços mais contínuos e espessos recriados na escala do cotidiano.

### **A dimensão performativa do caminhar para uma leitura do corpo na cidade**

Dentro do debate do movimento na cidade, aqui interessa-nos compreender o movimento do corpo comum a princípio sem mediação, ou seja, aquele que o faz caminhando. Propomos um diálogo entre o campo do urbanismo e o da dança uma vez que estamos buscando amparo nas relações espaciais produzidas por uma performance corporal do caminhar, onde a condição transitória desse corpo no espaço percorrido origina uma performatividade degradada no tempo, de caráter instável e impreciso quanto ao seu início-meio-fim, carregada de interferências (BRITTO, 2008).

É preciso garantir, de início, que a performance é um conceito em disputa. A etnografia, antropologia e a sociologia a veem relacionada ao conceito de cultura (o eu social), a depender do nível de consciência da ação-recepção num determinado meio acumulado de intencionalidades que a subjugam mas que também é subjugado pela performance (CARLSON, 2009; DE CERTEAU, 1984).

Para Schechner (2003), performance é exhibir-se ao extremo, seja na arte ou na vida cotidiana, uma vez que produz identidades a partir de *comportamentos restaurados* (referenciados em outros outrora produzidos) em diferentes contextos, estabelecendo novas relações sociais. Nessa perspectiva, a performance do caminhar é uma prática técnica treinada e transmitida por gerações. Sujeitos às condições socioculturais e espaciais, esse caminhar tem carga ideológica dado que permite, pelo atravessamento, se relacionar com o meio, gerando percepções iniciais e atualizadas conforme novos percursos ocorrem neste ou em outros espaços. Podemos compreender esse contexto do percurso e da performance como espaço cênico (MAUSS, 1934; MOSTAÇO, 2016).

Sua prática incorpora papéis sociais que possuem relação com o grau de vigilância do espaço: quanto maior, mais artificializada tende a ser a performance. Por isso, ela também pode ter uma lente política onde o movimento do corpo (ou o produto desse movimento) denuncia as relações de poder. A política da corporeidade possibilita entender o cotidiano, os protocolos normativos e as ações de resistência (FUENTES, 2015).

Lepecki (2011) nos auxiliará a entender a propriedade política do chão refletida na corporeidade do caminhar através do conceito de *coreopolítica*, já que se trata de uma performance dotada de ideologia (o que ele chamará de *topocoreopolítica*) produzida pelo cotidiano. Suas práticas contra hegemônicas sugerem um caminhar que questiona o lugar e resiste às forças planificadoras atuantes através de uma *coreopolícia* seletiva (que coíbe e constrange formas outras do que a já esperada performance nas localidades de valor) a partir da presença de um Estado policial.

Esta prática politizada do espaço emerge através da agência e da assembleia como constituinte de forças plurais: comparecimento, permanência, respiração, movimento, quietude, discurso, silêncio. Os corpos podem falar sem emitir uma só palavra. Sua aparição-desaparição é a materialização de sua existência naquele lugar, e o corpo em atravessamento está sujeito à sua categoria social em suas múltiplas camadas, à interpelação e ao ataque não apenas a si mas a quem (ou o quê) representa. *Caminhar é aparecer* a partir da presença corporal e pode ser uma atividade produzida a partir de relações cognitivas, reflexivas, criativas, de forma estética e com valor de denúncia. O espaço que surge entre um corpo e outro é o espaço do aparecimento enquanto exercício performativo *entre corpos* que tanto os vincula quanto os diferencia. Em última análise, caminhar – esse ato de um corpo privado que se mostra público – é se posicionar politicamente. Nesse sentido, o corpo caminhante é a matriz da coreografia enquanto reprodução ideológica, um instrumento simbólico, metafórico, mimético e político que possibilita uma relação de intersubjetividade com o meio, produzindo relações sociais (BUTLER, 2018; HEWITT, 2005).

Foucault (2014) nos auxilia a entender essa relação compreendida no conceito de biopoder relacionado ao corpo submisso a partir das ações de controle pelo adestramento e disciplinarização que o moldaram através da técnica. Neste caso, assumimos que tanto o espaço quanto o corpo agora estão sujeitos a um acúmulo técnico submetido às hierarquias econômicas. Isso está percebido pelo movimento corporal domesticado ao longo do tempo, um corpo-máquina cada vez com menos possibilidade de desvios, cuja performance se enquadra de forma útil e funcional ao trabalho e à produtividade: seu ritmo, seus gestos e suas vontades devem obedecer, especialmente na sociedade moderna organizada, a horários precisos e formas específicas de uso do espaço, que deverá, novamente, ser disciplinado e vigiado, cumprindo uma determinada função na hierarquia pré-estabelecida de valores, como confirma McKenzie (2001) quando trata da performance dos comportamentos corporativos relacionados a desempenho, motivação, atingimento de metas, cujos ganhos são negociados através de bonificações, reconhecimento público e promoções. Ao trazeremos o espaço urbano como problema

de estudo, precisamos reconhecer que, nos ambientes corporativos e na vida urbana, a performance é uma prática dobrável, ajustável, reconhecida nos modos de produção onde o corpo também é um objeto técnico produtor de riquezas. Seu diálogo com Butler (1997) reconhece a noção de práticas discursivas cuja performatividade garante poder e autoridade. O enquadramento do corpo dentro de determinadas relações socioespaciais possibilita uma ampla concorrência pelas forças disponíveis nas relações de trabalho e também no espaço público. Quanto maior a estrutura (não pela espacialidade pura, mas pelo acúmulo de forças incidentes) onde a performance está inserida, mais difícil a transgressão. Quanto menor, mais fugazes serão essas práticas.

### Uma dialética dos espaços a partir dos modos de ser e de mover-se

Santos (2006) e Lefebvre (1991) propõem uma visão para as transformações urbanas a partir do acúmulo de ações humanas sobre o território no sentido de reinvenção do simbólico e do comum, constituindo uma vida cotidiana ora miserável, ora grandiosa, onde o urbanismo moderno atua com novas soluções a partir da lógica do sistema produção-consumo-produção. Para o movimento, isso significou extensão de espaços a serem percorridos e formas outras de fazê-lo, onde o automóvel tem papel central. A partir de um certo momento, dirigir se vê como uma atividade valorizada e caminhar perde posição. Tais noções podem ser aprofundadas pela ideia de *espetáculo e seu poder de representação* em Debord (2016), cujo conceito reside em uma relação social entre pessoas mediada por imagens (e seu poder de representação), onde as fronteiras entre o real e o imaginário são embaçadas ou sequer existem, efeito que o espaço organizado tem grande responsabilidade. A força social do espetáculo está no *parecer* (e não no *ser* ou no *ter*) carregado de qualidade positiva recepcionada de forma passiva, inquestionável, de verificação quase inacessível, atuando de maneira hipnótica especialmente junto ao proletariado que ganha status de consumidor.

Nas sociedades do capitalismo dependente, a alienação pelo espetáculo é mais profunda, suprimindo a qualidade autônoma através do tempo cíclico que visa obedecer à totalidade que ordena os corpos para a produtividade, tal como mostrado anteriormente. O urbanismo é a aplicação técnica de transformação do território com o poder de separar as classes a partir da valorização diferenciada dos espaços, e o faz utilizando recursos que garantam cenários alinhados ao capital através do que representa e simboliza. De forma prática, atua sobre a rua como esfera privada através de elevado grau de controle e consumo, intensificando o valor da propriedade através do poder de monopólio e a sobreposição de valores: terra, volume, serviços, estilo, etc., são os dispositivos de segregação (DEBORD, 2016; VILLAÇA, 2001).

O *ser-estar* está dado de formas bastante distintas nessas espacialidades. Muitas são as forças atuantes em cada lugar, e o poder de agência do *corpo-em-movimento*, enquadrado sob as regras estabelecidas sejam elas quais forem, se produzirá de algumas formas. Como nos auxiliou Lepecki (2011), um Estado policial presente (o que vai além da guarda militar) tem a eficácia de organizar e garantir que tudo se cumpra como desejado, e sua atuação não é homogênea no território visto que, de forma ampla e geral, cada lugar é dotado de uma escala de valor e necessidade de proteção. Alguns espaços nascem do Estado (ainda que sejam promovidos pelo mercado), são estabelecidos pelas normas regulamentadoras, e as camadas de atualização são intensamente renovadas e acumulam diretrizes quase sempre alinhadas entre si – organizam os espaços e os sujeitos para que se possa garantir a reprodução capitalista dos interesses aí concentrados. Por outro lado, os espaços de sobrevivência estão onde o poder público não atua, não apoia ou sequer reconhece: inseridos ou periféricos aos bairros de classe média, muitos se encontram em situação de vulnerabilidade

social, sujeitos às tragédias climáticas ou mesmo aos fatores sociais presentes, como a criminalidade.

Os espaços centrais revitalizados sob a égide de valor histórico e bem cultural, ainda que importantes, produzem um fluxo de capital muito específico. Ao mesmo tempo que se amparam no valor da imortalização do passado e por isso recebem investimentos de manutenção em grande parte das vezes, sofrem pressão de forças que atuam pela sua desconfiguração. Jeudy e Jacques (2006) compreendem que a preservação de espaços é uma evidência de valor designado a determinados territórios cuja forma de atualização possui um certo controle, pois

os cenários reconstituídos que formam o enquadramento do espaço urbano terminam abolindo essa dinâmica do tempo, fixando a memória e a percepção dos cidadãos, e dando aos turistas a impressão de que se encontram na eternidade de um cartão postal (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 8).

A reprodução cenográfica é produto das definições e investimentos locais institucionalizados, primando por uma representação que possui, no congelamento de tempos outros, um papel terapêutico a partir de uma estetização dominante que atua sobre a relação corpo-espaço de forma própria.

### A invenção da cidade imperial de Petrópolis

O município de Petrópolis, com cerca de 306 mil habitantes (IBGE, 2020), situa-se na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro (cerca de 845 metros acima do nível do mar), cuja constituição se deu de forma menos intensa nos primeiros 300 anos de colonização portuguesa na região, basicamente reduzida a assentamentos temporários que ocupavam a Serra da Estrela durante as expedições exploratórias às minas de ouro. Apenas a partir do Século XIX é que se percebeu uma ocupação mais formal e acentuada a partir do estabelecimento da Vila Imperial. Com o crescimento ao longo das décadas, delimitou-se o município e constituíram-se 5 distritos internos.

Observando os aspectos morfológicos da cidade, há particularidades topográficas no município que induziram a uma ocupação concentrada nos fundos dos vales, junto aos rios, a partir de um planejamento urbano (1846) que propôs uma distribuição territorial em quarteirões (prazos).

Historicamente, percebe-se que o tratamento tem sido diferenciado entre as diversas regiões da cidade através de investimentos gerais em infraestrutura, sinalização, mobiliário urbano, paisagismo, concentração de comércio e serviços municipais, etc., conservando (e ampliando) o valor do que se reconhece como *Centro Histórico* de forma assimétrica se comparado às demais áreas, desdobrando em efeitos de desigualdade, expansão urbana fragmentada e vulnerabilidade ambiental para as populações carentes.

A cidade encontra-se sob influência de processos migratórios, recebendo pessoas de diferentes regiões nos últimos anos, cuja fixação vem se concentrando, a depender, em áreas de interesse e de possibilidades econômicas – levando a processos de expansão do mercado imobiliário formal em diferentes áreas, bem como de ocupação espontânea (favelização) como resposta à necessidade de proximidade a serviços e oportunidades de emprego – em geral em encostas próximas às áreas nobres (e também junto de outras mais recentemente constituídas), através de técnicas de autoconstrução sem

apoio da municipalidade.

A produção espacial do município de Petrópolis é típica daquela resultante da concentração e sobreposição de valor em áreas restritas, decorrente de processos históricos de ocupação que já privilegiaram os primeiros beneficiários – consequentemente organizando quem e em quais condições poderiam utilizar esses espaços.

Entender o contexto da formação do território petropolitano é fundamental para o presente estudo, uma vez que suas características espaciais originais ainda estão conservadas nos dias atuais e afetam os modos de vida da cidade, pois foram apoiados nos fatores de domínio fundiário residencial e industrial. A partir dos anos 1970, observa-se a expansão de loteamentos e ocupações populares, o surgimento de novos edifícios para a classe média, construção de conjuntos habitacionais, além da fixação das camadas populares *morro acima*, ou seja, a intensificação da ocupação das encostas pela classe trabalhadora que aumentava em função de maior fluxo migratório a partir dos anos 1950-60.

Mesmo com os movimentos econômicos desenvolvidos pela industrialização, Ambrozio (2008) reforça sua tese de planejamento organizado, inicialmente, para uma socialização amena caracterizada pela paisagem e pela elitização – reforçados pelo estímulo da imigração de operários europeus brancos, demonstrando um caráter de nação progressista *livre da escravidão* (e da presença negra) nos núcleos centrais. O tempo consolidou o fortalecimento desse espaço como centralidade através da valorização e da garantia da manutenção das atividades produtivas, hoje concentradas em comércio e serviço diversificado, além da exploração turística de uma paisagem cristalizada que remonta aos tempos imperiais (assumidos ainda na atualidade pela sociedade tradicional que se orgulha desse selo). Tais fatores intensificaram os processos de segregação socioespacial das camadas populares que não se inseriram no mercado imobiliário formal, possibilitando a ela, apenas, a ocupação de espaços residuais.

O que os estudos tradicionais desta cidade não costumam esclarecer é sobre a presença da população negra e mestiça no espaço intraurbano, já que a história de Petrópolis está valorizada a partir da sua narrativa de êxito: a industrialização como passo de progresso de um imperador visionário. Silva (2019) afirma que o período colônia-império somente foi possível a partir da existência de uma larga maioria africana e afrodescendente em todo o país, reconhecendo no homem e na mulher negra os colonizadores do Brasil, produtores de territórios, cuja existência enquanto provedores, executores e conhecedores de técnicas aplicadas está claramente omitida nos registros imperiais e republicanos da cidade. O caráter elitista surgido no projeto de cidade imperial, no entanto, está na base das políticas públicas da atualidade. As atenções e investimentos concentrados na região central que explora turística e comercialmente a sua *paisagem histórica* e o próprio enrijecimento da estrutura urbana produzem um território que mantém afastadas as

classes populares do município em benefício de incorporadores, *rentiers*, corretores imobiliários, e seus sócios municipais não menos notórios: políticos, universidades privadas, promotores de eventos, associações comerciais e clubes de serviços (AMBROZIO, 2008, p. 43-44).

Apesar dos esforços pela reserva da Vila Imperial como *legado europeizado*, nem a hegemonia branca nem as espacialidades europeias foram inteiramente garantidas. Cravadas especialmente nos entremeios dos bairros do 1º e 2º Distrito do município, os

aglomerados de exclusão surgiram da explosão populacional durante a industrialização, buscando naquela época e ainda hoje as condições de moradia próximo dos espaços de oportunidade e capitalização.

### Reflexões sobre um caminhar performativo nos espaços simbólicos

Neste trabalho, desejamos nos aproximar de uma relação entre o corpo e o território com o apoio dos estudos da performance. Conforme relatado antes por Santos (2006) e Ribeiro (2012), as estruturas espaciais resultam de camadas de atualização técnica sobre o território que vem alterando a relação do corpo com a cidade quando pensamos em movimento. Os acúmulos históricos dos lugares são tão sobrepostos quanto os interesses em disputa e, nas últimas décadas, algumas cenas parecem mais estáveis que outras em função dos efeitos do capital.

Com o título de *Cidade Imperial*<sup>2</sup>, em Petrópolis observaremos esses fenômenos em curso através de estruturas espaciais antigas e tradicionais preservadas através de uma paisagem do *Brasil Império* mantida até o presente através de processos de tombamento pelo INEPAC e IPHAN<sup>3</sup>. Também podem ser observados processos de expansão em formas modernas (condomínios) sobre espaços deslocados da região central, e ainda observamos assentamentos populares e favelas.

As duas espacialidades demarcadas neste estudo – uma região central valorizada e um espaço periférico autoconstruído – levam à provocação de algumas reflexões sobre essas localidades a partir da relação do corpo com o território, onde o movimento do caminhar pode argumentar diante das estruturas e forças presentes.

Além disso, como nos mostram Foucault (2014), Schechner (2003), Lepecki (2011) e Butler (2018), o corpo e sua performatividade reproduz através daquilo com o que se relaciona, processando um cotidiano dotado de referências e ideologias com relação a si e ao território que ocupa e atravessa. Com isso, sofre, enfrenta, resiste e se adapta às forças concretas e simbólicas do lugar, sujeitando-se às regras disciplinares estabelecidas e às forças de controle e vigilância presentes.

Algumas categorias serão exploradas nesta análise: dispositivos de representação e espetacularização, camadas de acúmulo técnico e dispositivos de controle, e possibilidades de aparição-desaparição da performance para cumprimento de um poder de agência e de assembleia, conforme sintetiza o esquema na Figura 1.

A performance como prática é de difícil captura, porque suas formas de arquivo, no intuito de imortalizá-la, tendem a matar a performatividade. Seu sentido é pleno quando no ato da prática. No presente estudo, fotos e narrativas buscam trazer um pouco desse corpo vivo para possibilitar uma análise a partir dos meios disponíveis. O que se reproduz como prática performativa e o que se estabelece como registro possui uma relação entre o que é reconhecido como performance e em qual lugar – o que nos leva a questionar por que estamos confrontando esses elementos. O arquivo traz uma reflexão sobre a ação-inação dos corpos e exige a compreensão de elementos não neutros no requadro e na captura, atuando também de forma simbólica sobre os agentes para entender quem performa e quem não. Memórias e fixações vão sendo favorecidas em detrimento de outras (TAYLOR, 2013).

<sup>2</sup> O título de *Cidade Imperial* é ainda hoje explorado de inúmeras formas, inclusive em função do Decreto Federal 85849/1981.

<sup>3</sup> Tombamentos DPHAN/IPHAN, INEPAC e CPPHAP promovidos no final da década de 1980.

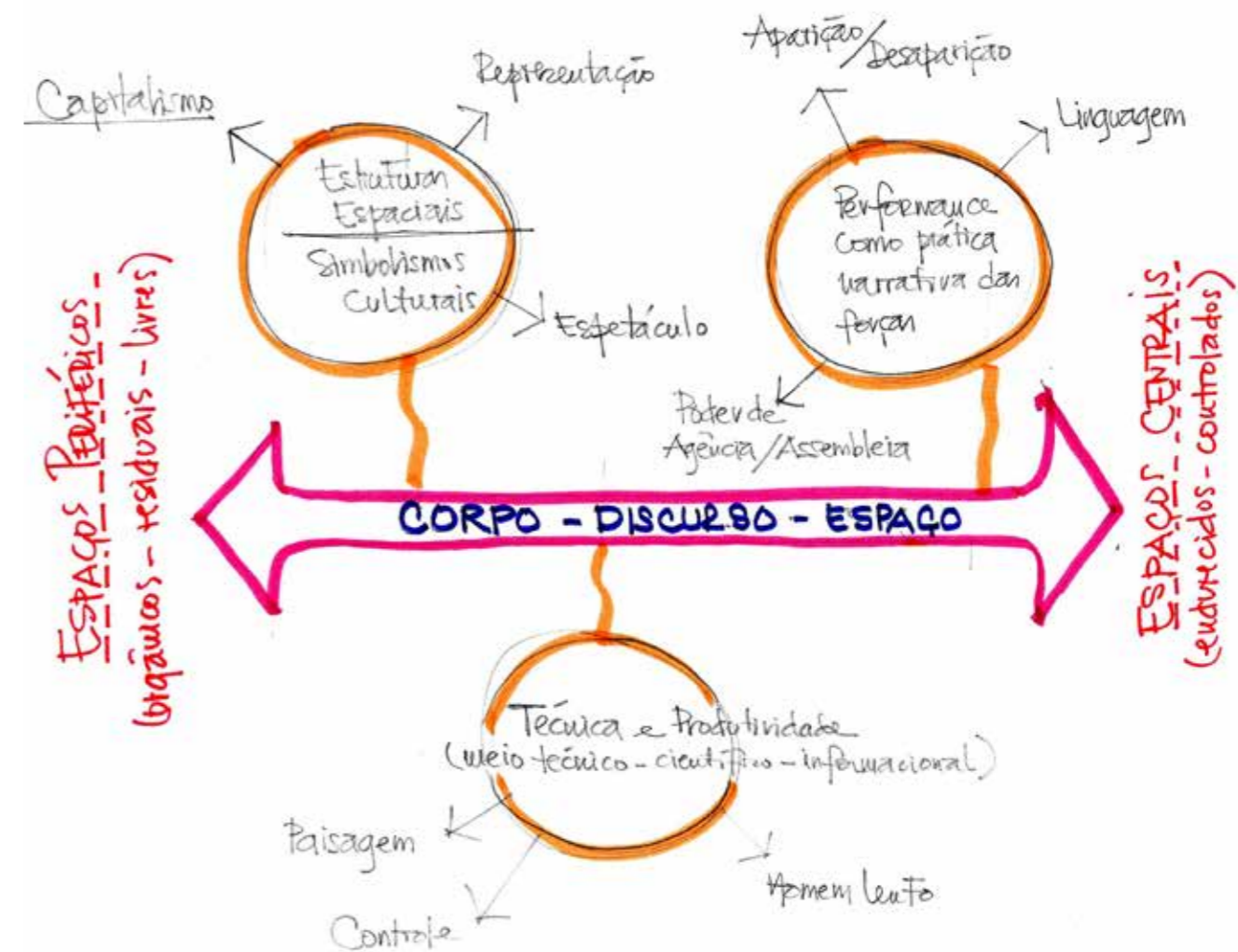
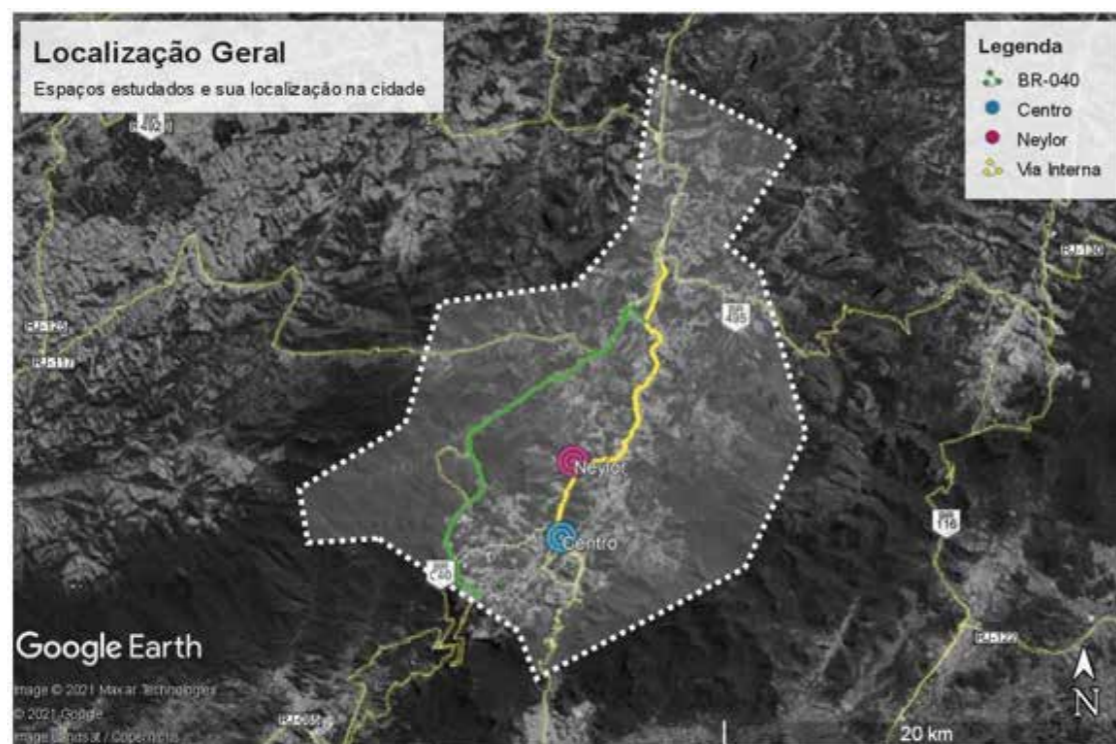


Figura 1 - Esquema geral de diálogo teórico-prático do estudo. Fonte: Autora (2021).

Sendo uma aproximação imprecisa, propomos um arquivo de performance que se dê através da fotografia dos corpos nos espaços, cujo movimento buscado durante a captura seja o caminhar do cotidiano, em geral praticado para deslocamentos funcionais (visando atender às demandas do dia a dia).

Na sociologia, o caminhar é uma forma de fala com o meio, e a fotografia pode ser uma metodologia que não apenas registra os corpos no espaço mas, inclusive, o faz a partir da interpretação do olhar do fotógrafo. É a *performance do pesquisador da performance* (JOLÉ, 2005). A câmera e o agente capturador não apenas imprimem um olhar próprio ao que vê mas, eventualmente, pode interferir na ação-reação do objeto fotografado – especialmente se ele não se assemelhar em corpo e em dispositivo em determinados espaços. Tudo deve estar em questão na análise. Como podemos lançar um novo olhar para o comum? Como entender os movimentos rizomáticos distanciando-se deles, não estando exatamente em seus corpos e percebendo o mundo a partir de suas lentes? Falar de corpos caminhantes é uma tentativa de interpretação também a partir da experiência do meu corpo caminhante nesses espaços e sua relação com aquela espacialidade, buscando os elementos em intercruzamento. Os resultados supõem uma expressão que marca os espaços e os atualiza – uma marca performativa como ação-intervenção.

Para o presente estudo, dois espaços em Petrópolis serão observados com maior destaque (Figura 2):



1. O *Centro Histórico*, espaço decorrente do estabelecimento da Vila Imperial com uma estrutura espacial rígida e valorizada, reproduzindo formas de ser-estar muito próprias de regiões valorizadas, porém com uma camada adicional de paisagem *esteticizada* pela preservação de bens e conjuntos tombados e pela permanência de gerações herdeiras beneficiadas pelo decreto imperial do Século XIX; e

2. A *Comunidade Neylor-Barcellos*, como muitos outros, um espaço ocupado pela massa trabalhadora pobre da cidade, cuja expansão se deu pelo esforço da autoconstrução, estruturando o território de maneira condicionada à topografia e às necessidades locais, sem a participação do planejamento municipal ou do mercado imobiliário.

Esses dois espaços foram escolhidos pela diferença de sua estrutura socioespacial, histórico de ocupação e preservação, investimentos recebidos ao longo do tempo e nível de controle e vigilância. Para registro dos corpos em movimento, capturamos esses espaços em pleno uso, flagrando atravessamentos e relações espaciais estabelecidas pelos corpos com o território a partir dos objetos e outros corpos caminhantes. Foram selecionadas 10 imagens de cada território que expressam generalidades e especificidades locais que buscaremos explorar a seguir.

#### *Centro Histórico*

É a região onde o caráter de *Cidade Imperial* está presente e explorado na paisagem cultural urbana desde seus tempos coloniais, fortalecido na era reconhecida como *Brasil Império* (1822-1889) até os dias atuais. De forma geral, vem sendo explorada para as atividades turísticas associadas ao desenvolvimento de negócios na cidade nos ramos da hotelaria, gastronomia e lazer voltados a um público de alta renda e consumo exigente.

As características gerais deste *Centro Histórico* (localizado no Centro, 1º Distrito) se dá por um conjunto arquitetônico-paisagístico tombado a partir da cultura representativa da colonização alemã-portuguesa, local de exploração turística, concentração de comércio, vida tradicional e riqueza econômica a partir das famílias residentes e proprietárias. A

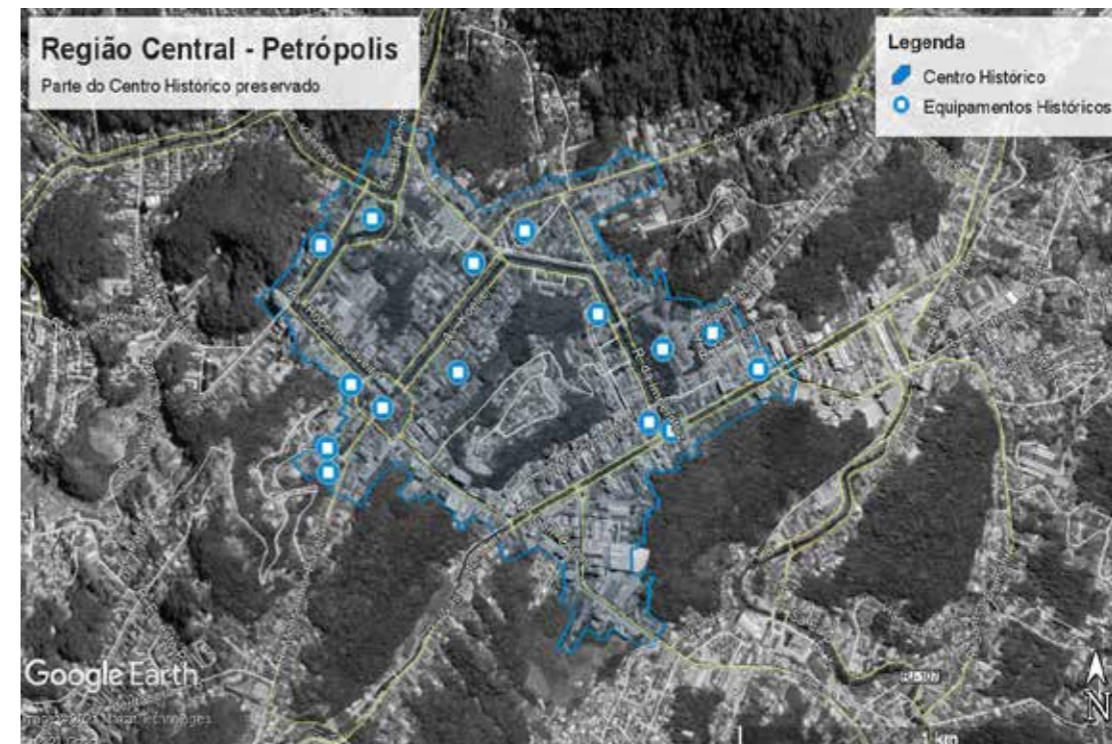


Figura 3 apresenta um recorte espacial simbólico dessa área e a demarcação das principais edificações tombadas (museus, instituições, praças, edifícios comerciais, etc.). É uma região de relevo menos acidentado (muitas áreas planas com morros residuais) e rios retificados ao longo das principais vias.

Pelo valor concentrado e o processo histórico de concessão de prazos e lotes, os residentes dessa região são, em geral, famílias de classe média alta herdeiras da aristocracia imperial favorecida na época do império. Ao longo das décadas, os espaços sofreram alterações em função da modernização e da especulação imobiliária. Atualmente, é um espaço qualificado de forma geral, concentrando as principais atividades econômicas do município, resultando em uma ocupação consideravelmente mista.

Um conjunto de imagens na Figura 4 representam somente a brevidade dos cliques sob forma de amostra, e a seleção das imagens mostram corpos no cotidiano, caminhando para tratar das questões diárias – em geral relacionadas a trabalho, compras, consumo, escola e questões domésticas, alguns ligando esses pontos até a sua residência através de apropriação e atravessamento do espaço urbano. Um código alfanumérico em cada foto possibilita uma relação entre a imagem e o texto que exploraremos a seguir.

A *turistificação* do Centro de Petrópolis a partir de sua paisagem preservada não o converteu em um espaço puramente museológico, com performances ligadas à experiência cultural, ao encantamento e aos registros fotográficos. Para o petropolitano comum, é mais um espaço de conveniência onde muito pode ser acessado não apenas pelas ruas, mas pelas praças, que acomodam aqueles que desejam relaxar ou interagir com outras pessoas (A1). O que ocorre é que a preservação e orgulho dessa região como símbolo imperial certamente influencia os contornos espaciais (e vice-versa). As áreas de circulação a pé estão claramente demarcadas pela pavimentação, pela sinalização, pelos desníveis, pelo valor do movimento lento em relação aos planos verticais. Há espaços ajardinados que ora funcionam como barreira, ora são atravessados, ora são apropriados.

As pessoas que circulam nessa região são consideravelmente diversas em suas características gerais e não estão se movimentando pela mesma razão. Homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, brancos, pardos e negros se deslocam em um território rico em possibilidades e que atende a inúmeras demandas. Alguns circulam a serviço de outros, outros circulam para suas próprias necessidades. Roupas, acessórios, ritmos e gestos corporais podem ser pistas possíveis. Ainda que seja importante reconhecer esses componentes, não exploraremos essa abordagem nesse estudo.

Em geral, esses corpos são ágeis; seus movimentos estão atentos às circunstâncias. Tempo, velocidade, ritmo, atenção, condições, compromissos são questões quase sempre presentes. Ali, o caminhar está relacionado a uma certa facilidade, construindo uma relação com o meio onde a presença é possível. Esses corpos possuem, em geral, objetivos de chegada (destino), mas associam outras atividades: ora apressadas, ora vagantes, consultam seus celulares, se acumulam nas esquinas aguardando o momento de atravessar os espaços de risco (A5). Há uma linha sólida divisória nos meios-fios que marca os espaços de maior ou menor segurança, quando se trata dos demais objetos em movimento. A circulação dos corpos caminhantes se faz, no Centro, concentrada em calçadas lineares, adjuntas às construções lado a lado, impulsionando movimentos dirigidos, em geral contínuos e retificados (A2). Alguns espaços estreitados supõem certo ritmo e intensidade; o tempo do Centro é, para muitos, o tempo de agilizar suas necessidades. Pela natureza do comércio, se verão aglomerados locais em frente a lojas, vitrines e serviços, levando a movimentos de desvio e turbilhonamento, retração dos fluxos e escapes. Naturalmente, esses fenômenos acontecem na maioria das vezes; há disputas espaciais sutis e negociações silenciosas sobre o sentido escolhido, onde outros dispositivos sensoriais são mais fortemente acionados: os olhares, as vozes, as expressões de espera ou ataque, os gestos de gentileza, e também os esbarrões, pisadas no pé, pancadas, pedidos de desculpa e xingamentos. As aberturas para entrada e saída de veículos (em estacionamentos e garagens) também interferem no ritmo e movimento, especialmente na iminência de passagem de um veículo (ruídos, buzinas e alarmes funcionam para chamar a atenção e reduzir o risco de acidentes).

Os espaços mais amplos possibilitam uma outra relação. Dado que o Centro é a origem e o resultado da concentração de atividades e de valor, sua apropriação também acirrará embates por coisas e corpos que tragam vantagens. A relação com as fachadas tende a ser distinta, dependendo de cada lugar. A espacialidade criada se dá pelos planos verticais das construções, sua interatividade com a esteira circulante e a possibilidade de fazer os movimentos se demorarem na frente de uma ou outra loja (A3). Os mecanismos para isso são variados: transparência, porosidade e atravessamento na divisa entre o espaço público e o privado, ancoragem do privado no público de forma efêmera (através de funcionários que circulam por ali e atraem consumidores para dentro do estabelecimento comercial através de propagandas) ou permanente (quando mobiliários do estabelecimento se posicionam ao longo do dia – ou mesmo de forma definitiva – nas calçadas, para expandir suas atividades), etc.

Espaços alargados possibilitam também uma relação de movimentos corporais associados, se as pessoas se conhecem. É comum ver caminhantes lado-a-lado, mantendo um ritmo comum e associando, no caminhar, um diálogo eventualmente relacionado ao espaço e às práticas em ação, ou sobre temas íntimos, não relacionadas ao meio (A3). Esses atravessamentos em dupla ou com mais pessoas podem guardar uma relação de contato corporal: em geral guardam pouca ou nenhuma distância, quando as mãos se tocam ou os braços se cruzam por um longo espaço de tempo. É uma relação comum entre amigos, entre familiares, e especialmente com a presença de crianças.



Figura 4 - Imagens do Centro Histórico. Fonte: Autora (2020).

Em muitos lugares, será comum observar corpos em situação de espera. Aguardando o tempo, aguardando alguém, refletindo sobre uma decisão para depois seguir seu caminho, ou mesmo parando ou reduzindo a marcha para associar outra ação (checar mensagens no celular, buscar algo numa bolsa, acessar uma determinada área).

De forma geral, os movimentos não sugerem uma ameaça iminente, não sugerem hostilidade e nem demonstram, de forma nítida, estarem sob perigo. Talvez por isso o sentido de vigilância não seja nitidamente observado e consigamos associar outras atividades enquanto caminhamos: usar o telefone, consumir alimentos, abrir a carteira, ouvir música, etc. (A2). Eventualmente, uma marcha mais lenta é possível para aquele(a) que não tem pressa ou não pode caminhar de forma acelerada: há muitos idosos na região que se determinam a caminhar no seu próprio ritmo, eventualmente utilizando um apoio (uma bengala, um andador), situação observada também em outros casos onde cadeirantes e cegos (não tão comum) se arriscam por aí.

Devemos reconhecer que fatos curiosos levam a aglomerações temporárias: uma performance política ou artística pode levar ao interesse de alguns atraídos pelo tema ou pela experiência, mesmo que isso não se dê com frequência no Centro. Se ocorrerem, o fazem de surpresa e podem ser rapidamente reprimidos. Há épocas específicas onde o espaço muda suas regras e configurações, já que a cidade tem forte apelo turístico potencializado por festas temáticas. É comum perceber um movimento diferenciado de pessoas que percorrem esses espaços de forma mais lenta, em grupos, com olhares encantados pela paisagem bucólica e as fachadas históricas ainda presentes (A8). Na festa do colono alemão (Bauernfest, recentemente reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio), encontraremos caminhantes com bebidas, gestos festivos, manifestações corporais atípicas de um cotidiano normal. Há outras festas ocorrendo em espaços simbólicos do Centro – no Museu Imperial, na Praça da Águia, na Praça da Liberdade, no Palácio de Cristal, etc. Muitos desses espaços estão demarcados no mapa anterior. Em tempos de manifestação política, é possível observar, ainda que raro, corpos em aglomeração ou em marcha organizada trazendo consigo uma voz de luta, um manifesto por ou contra uma determinada ordem social. Nas eleições, pessoas panfletam e abanam bandeiras de partidos e candidatos, disputando a atenção e o interesse dos eleitores que passam por ali (A10).

É importante ressaltar que há outras formas de movimento e apropriação do espaço. Além dos caminhantes comuns e dos veículos motorizados, o espaço público do Centro é percorrido por ciclistas (ora em calçadas, ora nas ruas), em sentido de fluxo e contrafluxo, parando em espaços determinados (nos poucos bicicletários existentes) ou apropriando-se de postes, bancos e becos, quase sempre amarradas por segurança. Os mobiliários existentes possibilitam uma outra cena: em geral voltados às fachadas, é possível ver pessoas contemplando, esperando, lendo ou conversando, trazendo uma possibilidade de tempo mais lento enquanto outras pessoas vêm e vão à sua frente (A4). A permanência de outros corpos se dá também por uma atividade comercial na rua – em geral protagonizada por camelôs, vendedores ambulantes e mesmo pedintes (mais comum em determinadas localidades do Centro) (A6, A9). Raro nas áreas mais valorizadas, há pessoas em situação de rua, cujos corpos andarilhos, sentados ou deitados sobre o chão, possuem uma outra perspectiva e intervenção – acumulam alguns objetos para sua proteção e eventualmente abordam pessoas para alguma necessidade ou mesmo para prestar ajuda.

Os fatores explorados neste estudo não se limitam ao exposto. O Centro da cidade de Petrópolis é percebido, de forma geral, como intenso e ativo, mas guarda diferenças de presença, movimento e apropriação se observarmos com mais cuidado. As camadas de valor, intervenção e atualização vem sendo intensificadas e interferem na percepção de que corpo atua em qual espaço, bem como quando, de que forma e com quem.



Figura 5 - Comunidade Neylor-Barcellos. Fonte: Google Earth editado (2021).

Não obstante, apesar de um aparente controle com margem para certa autonomia, os escapes ocorrem e, quando flagrados, tendem a ser coibidos. A presença de corpos policiais e mesmo da viatura e da cabine demonstra uma supervisão que, antes de intervir, informa que há um olhar que reprime aquilo que não será aceito. Independentemente de qualquer lei, é mais rara a circulação de grupos periféricos, geralmente moradores de áreas pobres (A7), manifestações de homoafetividade, etc. Como em todo espaço público, suas condições nos horários de menor movimento (por exemplo, à noite), em geral, mudam.

O urbanismo nota que a circulação a pé pode ser uma atividade valorizada porque a velocidade e a intensidade dos corpos circulantes geram uma relação distinta com o próprio espaço, trazendo ambiências de acolhimento e segurança (ou de estresse e desconforto) e de maior ou menor aderência às atividades sociais ali presentes. No Centro, algumas intervenções mais recentes de alargamento de passeios possibilitaram um espaço ampliado para pedestres, como na Rua do Imperador e na Rua 16 de Março – espaços muito comerciais, com fachadas contínuas de vitrines com todo tipo de serviço. É comum, em certos estabelecimentos, vermos seus produtos expostos nesses espaços ampliados. Ao mesmo tempo, os equipamentos históricos nessa região da cidade – especialmente prédios e museus – trazem uma relação de proteção contra usos entendidos como indevidos ou vandalismos, percebida pelos elementos de controle de acesso: muros, grades, guaritas, câmeras, bilheteria, cancela, etc. Alguns, com amplos jardins frontais, convidam apenas a passar e contemplar à distância desde a calçada. Mesmo assim, atraem um movimento importante que ativa os empreendimentos ligados ao turismo, como hotéis, restaurantes e bares, trazendo uma paisagem com outra corporeidade.

#### Comunidade Neylor-Barcellos

A Comunidade Neylor, situada também nos limites do 1º Distrito, é uma das muitas regiões pobres do município e faz divisa com a Comunidade Barcellos, formando uma região com ocupação relativamente contínua de habitações autoconstruídas, em sua maioria precárias, próprio de espaços favelizados. Sua paisagem geral levou à escolha, neste trabalho, pelo agrupamento das duas comunidades. Um recorte geral da área pode ser observado no mapa da Figura 5.

O caráter acidentado da área trouxe desafios para a ocupação, resultando em ruas sinuosas e de elevada declividade com um córrego cortando uma parte do recorte.



Trata-se de um espaço majoritariamente residencial com alguns pequenos comércios de apoio estabelecidos pelos próprios moradores.

As comunidades carentes, em geral, sugerem uma ocupação lenta e crescente de um espaço disponível, inicialmente não reclamado por um proprietário ou pelo Estado, protagonizada por pessoas que buscam um lugar para se fixarem dado que não se qualificam, por insuficiência de renda, a participar do mercado de compra, venda e locação de imóveis em espaços já estabelecidos na cidade, e tampouco tem, para sua moradia, políticas públicas consistentes. Pouco a pouco consolidam uma modesta casa com o próprio esforço, praticando o que sabem do ofício de construir.

Conforme esses espaços ganham consolidação pela quantidade e densidade de moradias, vai se estabelecendo um lugar com sentido, relações e características de bairro e vizinhança. O medo é presente pela insegurança da permanência dessas famílias (sem título de posse ou de propriedade, ainda são muito comuns as remoções sem critérios claros e coerentes, ampliando a vulnerabilidade), pela insegurança técnica (as construções não possuem garantia de estabilidade em encostas) e pela criminalidade (já que a ineficiência do poder público facilita o domínio por traficantes ou milicianos). Da mesma forma que no caso anterior, a Figura 6 apresenta imagens selecionadas com codificação alfanumérica que buscaremos associar ao longo do texto.

A Comunidade Neylor-Barcellos está, no imaginário popular da cidade, num dos rankings mais elevados quando o tema é a violência. Para uma cidade média próxima à capital fluminense, Petrópolis ainda assegura bons níveis de segurança pública, mas as notícias nos jornais exploram as ocorrências nas favelas sempre voltadas à criminalidade, levando a um efeito de estigmatização do local.

Como mencionado, esse território não recebeu um planejamento formal prévio à sua ocupação. A partir de uma percepção geral dos caminhos pré-existentes (trilhas estabelecidas em décadas anteriores) vão se estabelecendo as construções, mantendo a passagem. Favela é um espaço altamente disputado especialmente quando ganha status; as famílias crescem e mais moradias são construídas por filhos e netos no próprio terreno ou onde houver espaço, trazendo uma ocupação densa lado-a-lado, resultando em um plano vertical contínuo a partir das fachadas. O espaço de circulação dos carros se mistura com o espaço de circulação a pé. Calçadas são raras e tendem a ser facilmente apropriadas para ampliação das moradias, em geral, apertadas.

Sendo o espaço de passagem resultado do que não se ocupou, sua forma e padrão é irregular, é espontâneo de acordo com a área construída. Em área de relevo isso se intensifica, pois a declividade complexifica e encarece as construções. Sobra pouco espaço adequado para construir e o jeito é avançar um pouco sobre a rua. Por vezes, os espaços se estreitam tanto que a circulação se restringe a corredores e escadarias, trazendo um desenho ramificado que parte de um eixo central com algumas capilarizações que levam a outras áreas onde há mais moradias e pequenos espaços comuns.

Os corpos que moram e circulam nesse espaço são, como em muitas áreas periféricas, majoritariamente pardos e negros. A vida simples associada à baixa renda leva a adaptações constantes no cotidiano. Não esperam ter um mobiliário urbano para sentar-se; se apropriam de degraus, meios-fios, pneus ou tijolos empilhados, se não tiverem uma cadeira a mão para colocar na frente de casa. O sentido de dificuldade reside em outras questões.



Figura 6 - Imagens da Comunidade Neylor-Barcellos. Fonte: Autora (2020).

Sendo uma área residencial com necessidade constante de crescimento, os espaços de garagem são muito raros. E mesmo grande parte dos moradores não possuem veículos, dependendo da única linha de ônibus que acessa a comunidade, com horário de circulação que nem sempre atende às necessidades dos moradores. Por esse motivo, os corpos ali estão sempre circulando a pé para ir e voltar do trabalho (ou resolver assuntos noutras partes da cidade). Esse movimento *ladeira acima ladeira abaixo* é muito comum e associa quase sempre muitas outras ações: favorece os relacionamentos pessoais, possibilita pequenas visitas e acenos, ocorre enquanto se utiliza celular ou se conversa caminhando, acompanhado.

O corpo caminhante vence o plano inclinado: o faz devagar, ritmado, eventualmente em zigue-zague para reduzir o esforço (B1, B2). Muitas vezes está carregado com bolsas de mercado, mochilas com volume e crianças de colo. Seus movimentos se dão ao longo da rua, a mesma onde os veículos e motos circulam. Corpos e máquinas negociam esse espaço, coreografam movimentos de aproximação e afastamento em relação ao centro da rua conforme a necessidade, alertados em geral pelo ruído dos motores. Se necessário, juntam-se às paredes e muros para a passagem de um caminhão ou ônibus e, na sequência, retomam suas posições para continuarem sua caminhada – especialmente se acompanhados, ocupando a rua novamente para um atravessamento lado a lado com quem partilha o trajeto. Os movimentos e posicionamentos resultam de uma relação continuamente estabelecida com o espaço onde os corpos, na ausência de elementos formais de sinalização, se intercomunicam.

O caminhar lento (próprio da subida de quem chega depois de um dia de trabalho), associado a uma relação de vizinhança, possibilita uma aderência maior com o espaço. Se há pessoas nas portas e janelas, é oportunidade para um cumprimento, uma saudação e até uma conversa. Eventualmente, é possível saber como o outro está, buscar as novidades, comentar fatos. O corpo encosta num apoio e se demora ali. Se alguém conhecido está parado ou cruzando o caminho, o encontro acontece e aí se estabelece alguma conversa. Os corpos param onde se encontraram, *a rua é a calçada*; se não há veículos passando, é ali que se estabelece uma breve sala de estar, ou ainda melhor: ali se dá, em grau máximo, o caráter público do espaço da rua.

Quando relações especiais se estabelecem, formam-se grupos e seus corpos performam em coletivo, fortalecendo sua identidade. Os gestos se combinam, a forma de saudação ganha um novo código a partir do movimento de mãos e braços, o que parece fortalecer sua legitimidade e reconhecimento diante da comunidade.

As crianças possuem uma condição muito especial neste lugar. A rua tem um sentido distinto para elas se comparadas com as crianças da classe média em seus bairros. O sentido de ameaça que leva os pais a estarem sempre segurando suas mãos parece não existir com a mesma intensidade na comunidade por vários fatores. Apesar da ausência de calçada em grande parte dos trechos, a menor quantidade de veículos, a menor velocidade com que passam, a quantidade de outras pessoas (adultos e crianças) também ocupando os espaços comuns, a sobrecarga dos pais no dia a dia, etc., parecem ampliar as possibilidades da vida infantil com menor controle e medo – apesar das ameaças comuns. O que se pode supor dessa experiência é a possibilidade de uma experimentação de seu corpo com o espaço de forma mais lúdica e autônoma (B9), onde o brincar com outras crianças e com os objetos da rua traz novos contornos a serem explorados. Pedras, folhas de árvores, pedaço de pau, bolas e bicicletas fazem parte dos objetos utilizados, provocando performances muito próprias da infância: correr, tropeçar, cair, disputar, dançar, cantar, brigar são, entre outros, práticas que corporificam o espaço público de forma improvável em espaços mais rígidos.

Os eventos que comumente ocorrem no âmbito privado se estabelecem, assim, no

espaço público. As conversas familiares ocorrem muitas vezes nesse entremeio; corpos brigam e acenam no chegar ou no sair de casa, e eventualmente a punição e o castigo é anunciado em público. Tudo está às claras, o íntimo é público. A rua dá conta o tempo todo dessa demanda corporal do cotidiano que o espaço privado parece não suprir, cumprindo sua função de encontro que o projeto urbano muitas vezes suprime.

O espaço entre as testadas das moradias é também o lugar das apropriações temporárias. Mercadorias dos mercadinhos, mobiliário da igreja, mudança, material de obra, é na beira da rua que esses objetos são depositados pelo tempo necessário, e sua relação com corpos em trânsito se dá, em geral, de forma pacífica (B7). É motivo, inclusive, para se atualizar sobre os fatos que envolvem essa apropriação, quando as pessoas se cumprimentam e aproveitam para perguntar de que se trata, o motivo, etc. Obras são sempre objeto de curiosidade, sinal de que o morador está expandindo, está prosperando, mas sempre questionado: afinal, vai crescer pra onde?

Nesta comunidade, essa paisagem ganha novos contornos quando os circuitos derivam para becos estreitos (B5). Os corpos circulantes tendem a um percurso mais direto, ritmado, e flagram locais escondidos para o ilícito onde a própria comunidade indica regras e limites. Ao mesmo tempo, surge um espaço de lazer; uma laje que funciona como uma pequena praça e um escorrega ao lado do vai e vem de pessoas. O espaço permite jogar bola, brincar de amarelinha, bola de gude, etc. (B3, B8). Há também, na entrada, um pequeno açude que, nos dias quentes, crianças, jovens e adultos se refrescam e produzem uma cena de confraternização e euforia. Os corpos interagem, se apropriam e dançam de forma muito particular com a água.

Numa comunidade sempre há pessoas que não possuem um senso coletivo muito apurado, mas também há aquelas que se determinam a melhorar as condições locais. Isso se dá pelas relações estabelecidas, pela forma como zelam e pelo tempo pessoal disponível. Sempre tem um líder comunitário que se torna referência local, passa cumprimentando todos e escuta as demandas locais. Quando há possibilidade, busca dialogar com os vereadores e conseguem pequenas melhorias. Quando não, arregaçam as mangas e entram em cena para ajudar de forma prática e direta. Seu corpo protagoniza, corporifica o espaço de forma mais intensa, se estabelece pelas promessas e pelo acolhimento.

Mesmo sendo majoritariamente residencial, essa comunidade possui um lugar onde a concentração de atividades é percebida de forma singular. Lojinha, padaria e igreja coexistem e ativam de maneira particular o espaço, e o sentido de aglomeração dos corpos se dá pela intensificação dos encontros (B6, B10). Pessoas entram e saem desses estabelecimentos, algumas vezes o espaço em frente se torna extensão das atividades internas, onde há pessoas paradas na porta conversando ou esperando algo. Ali também estarão carros estacionados e em trânsito, as negociações locais se acirram. Por outro lado, há espaços destinados ao despejo de lixo, com caçambas e detritos espalhados, um lugar onde a permanência é rara, associada apenas à função que possui. Os corpos caminham por ali apenas para depositar o que não desejam mais.

Como espaço em geral ausente da presença do poder público, são os moradores locais que fazem suas próprias regras de uso. Se desconhece um documento estatutário que reja as normas locais; ao contrário, é o uso do espaço que estabeleceu essas normativas (B4). A forma como os corpos se apropriam do espaço o atualiza todo o tempo.

É sabido que neste local há traficantes que, pouco a pouco, alteram as formas de ser-estar pela imposição de seu negócio. Durante a noite, circular nesses espaços

ganha uma outra dimensão. Porém, a passagem do tempo traz novos imperativos, e especialmente os jovens provocam a cultura local. O funk e o rap é a *expressão pop* das favelas que surge de dentro das moradias ou da caixa de som no porta-malas do carro, e eventualmente disputam atenção e reconhecimento da comunidade, marcam sua presença ou apenas desejam entreter. É comum surgir uma reunião de pessoas em torno do som e dançar, onde o corpo ganha outros contornos associados à cultura local.

### Percepções do corpo como prática discursiva

Os ensaios acima não são exaustivos. Tanto o Centro Histórico quanto a Comunidade Neylor-Barcellos possuem muitas faces impossíveis de compreender em sua totalidade, especialmente num breve estudo como esse. Tampouco pretendem reduzir seu significado às expressões exploradas nas formas descritas. No entanto, os interesses nessa experiência são três: a) possibilitar uma aproximação entre as abordagens teóricas e uma prática cotidiana como o caminhar; b) confrontar uma paisagem *turistificada* e valorizada que serve apenas à uma parte da cidade; e c) reconhecer os espaços da massa pobre trabalhadora que, a despeito das ações do poder público, resiste e se estabelece.

A atualização técnica própria dos espaços de valor sugere um acúmulo histórico maior no Centro, o que pode ser explicado, num primeiro momento, pelo tempo histórico daquele local em relação à Comunidade Neylor-Barcellos. No entanto, as transformações urbanísticas percebidas pelas estruturas espaciais (prédios, avenidas, calçadas, concentração de atividades, vigilância e policiamento) conferem ao local uma notação, de forma geral, de *espaço luminoso*, pela concentração de interesses e manutenção de valor que endurecem, em certa medida, os corpos, com performances mais previsíveis ditados pelo capital. A intensificação das hierarquias pela estrutura espacial e pelos corpos em movimento não estão dados de igual forma na comunidade, cuja vida local é protagonizada pelos moradores e suas estratégias de sobrevivência, caracterizada genericamente como um *espaço opaco*. Importante ressaltar que, se aproximarmos nossa lente sobre cada um desses dois recortes urbanos, variações de estrutura e artificialidade levariam à percepção de algumas atenuações.

Os fatores internos do espaço da Comunidade Neylor-Barcellos quase sempre interessam apenas àquelas pessoas e, talvez por isso, sua reprodução espacial tem outro tempo, sem a nítida demarcação de fronteiras na maior parte do território. Os fluxos, as aglomerações e apropriações possuem certo grau de autonomia no Centro, mas é na comunidade que ela encontra uma expressão maior. Ela tem sua história e seus acúmulos simbólicos, e as demarcações territoriais estão dadas pelas ocupações permanentes e temporárias onde a fronteira público-privado se embaça, atravessa os corpos e ganham outro sentido. As regras locais existem, apesar de não terem sido formalmente determinadas e não serem garantidas pelo poder público. O grau de intensidade dos movimentos e o sentido de pertencimento pelos corpos aderidos pode ser um sintoma disso.

O caminhar faz parte desse estudo pela sua importância social em ambos os casos. Caminhar é uma forma de *fazer caminho*, promover a esteira de movimento com o próprio corpo através de espaços dados, produzindo novos espaços. O conceito de *comportamentos restaurados* de Schechner (2003) nos auxilia no entendimento da reprodução dos movimentos corporais esperados em cada lugar. Um corpo é referência para outro corpo porque produz um sentido que se relaciona com aquele meio. Em última análise, essa reprodução traz um todo que traduz formas de dominação e poder

inicialmente despercebidos. A propriedade política do chão em Lepecki (2011) denuncia as estruturas de dominação e veiculação dos corpos no Centro e na Comunidade de formas próprias, especialmente pela força policial. O tempo acelerado limita as formas irreverentes de atuação do corpo caminhante. O poder de agência e de assembleia está possibilitado se dirigido, no Centro, à função do local: turismo, consumo e valor. A soberania presente coíbi corpos outros que não se alinham aos termos locais, seja pela forma, seja pelo conteúdo.

Na comunidade, a organicidade das regras e das relações possibilitam muitos escapes que se acomodam no jeito local de ser-estar. A disciplina e a eficiência existem também em diferentes graus; os corpos cumprem expectativas porque há um todo inserido nestes tempos modernos que traz os imperativos da vida. Ainda que a milícia ou a polícia use de sua força de controle, os corpos têm uma relação mais profundamente estabelecida com aquele local, o que é explicado, de certa maneira, pela relação tempo-espaço que favorece as condições de aderência e significação. Em contrapartida, o tempo do Centro é, muitas vezes, o tempo da pressa para resolver todas as coisas. A compressão do tempo exige aceleração dos movimentos e corpos disciplinados que cumpram de forma eficaz seu propósito, ainda que passem céleres ao lado de pessoas contemplando vitrines ou outras sentadas nas praças, pois Petrópolis ainda guarda um sentido de cidade de interior no seu cotidiano para alguns.

O simbólico reside nos espaços estudados de forma muito particular. No Centro coexistem a modernidade e a preservação, e juntos potencializam a valorização das atividades turísticas e os empreendimentos dependentes, incluindo o mercado imobiliário. Os imperativos do capitalismo planificam o presente e reproduzem paisagens e corporeidades reconhecidas em outras cidades, importando soluções. A cenarização do passado imperial é explorado como *espetáculo* não apenas nas festas e marketing municipal, mas na marca dos produtos da cidade. Durante todo o ano, Petrópolis recebe turistas que se restringem ao Centro Histórico (e avançam para novas áreas, como Itaipava) desconhecendo a grande Petrópolis que há depois da esquina. A cidade é feita mais por comunidades como a do Neylor-Barcellos do que pelo seu centro simbólico. Qual a referência do imperial nas favelas de Petrópolis, quando seu corpo não é entendido sequer como cidade?

A dança produzida pelos corpos pressupõe o estabelecimento de um palco em cada momento no espaço público. O corpo possui um discurso que dialoga com esses espaços, produz argumento e questiona o lugar. Que perguntas o corpo está produzindo quando atravessa o Centro e a Comunidade? Que corpos não aparecem aqui e aparecem lá? Que perguntas o corpo da comunidade produz quando atravessa o Centro, e vice-versa? Um mesmo corpo se adapta a cada lugar? O tempo de aderência de um corpo num lugar afeta sua possibilidade de diálogo com outro? Qual a possibilidade de ruptura?

As divisas duras entre esses espaços possuem um limite e sobrevivem por um tempo. Trazer o corpo como argumento sobre o espaço não é apenas possibilitar uma análise destes lugares, mas reconhecer que, vivos, esses corpos vem rompendo com os padrões estabelecidos, participando do jogo e ocupando espaços. Os escapes estão dados nos espaços de valor de variadas maneiras, como os *rolezinhos* que, pouco a pouco, se confirmam presentes, corporificam e geram fricções. Os corpos não são apenas receptores dos significados espaciais, mas performativos que praticam suas questões ali, perguntam e respondem, interferindo e atualizando esses espaços sob uma lógica outra.

As experiências vividas através desse breve olhar podem possibilitar, em análise mais ampla, a reflexão sobre fenômenos urbanos em diferentes cidades. Da forma

como se constituem, os espaços urbanos cumprem papéis no ideário comum que acomodam modos de vida, ritmos e afetividades. Para o município de Petrópolis, cidade de média escala e de característica interiorana, pouco se debate sobre as microrrelações estabelecidas através das estruturas espaciais definidas pelo valor e pela produção, e menos ainda a partir das realidades possíveis nos espaços orgânicos *não imperializados*. Essas microrrelações pulsam da forma como podem, constituem sua complexa história e cristalizam uma visão de mundo narrado por seus corpos.

## Referências

AMBROZIO, Júlio César. *O Presente e o Passado no Processo Urbano da Cidade de Petrópolis (Uma História Territorial)*. 2008. 376 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06012009-163050/pt-br.php>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BRITTO, Fabiana. *Corpo e ambiente: co-determinações em processo*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador, Ano VI, número especial, p. 11-16, 2008. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/arquivos/arquivo-16.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BUTLER, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Excitable Speech - A Politics of the Performative*. Routledge, Londres e Nova Iorque, 1997.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

CARLSON, Marvin. *Performance: Uma introdução crítica*. Tradução: Thais Flores Nogueira Diniz, maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 14ª ed., Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

DE CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Trans. S. F. Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

FORTUNA, Carlos. *Caminhadas urbanas, com-vivências inesperadas*. E-cadernos CES Coimbra, p. 37-56, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/3114>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. 42ª ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

FUENTES, Marcela. *Performance, política e protesto*. O que são estudos de performance? / editado por Diana Taylor e Marcos Steuernagel. Durham, NC: Duke University Press, 2015. Disponível em: <https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/performance-politics-and-protest-1>. Acesso em: 20 jan. 2020.

HEWITT, Andrew. *Social Choreography - Ideology as Performance in Dance and Everyday Movement*. Durham e Londres: Duke University Press, 2005.

IBGE. *Petrópolis. População estimada*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/petropolis.html>. Acesso em: 15 set. 2020.

JEUDY, Henri-Pierre; JACQUES, Paola. In: JEUDY, Henri-Pierre; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, Salvador, 2006, p. 07-09. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16874>. Acesso em: 10 jul. 2019.

JOLÉ, Michèle. *Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano*. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 45, p. 423-429, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18536>. Acesso em 10 jul. 2019.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica, 1991.

LEPECKI, André. *Coreopolítica e coreopolícia*. In.: Ilha. Florianópolis, V. 13, Nº. 1, p. 41-60, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/24920>. Acesso em 20 set. 2018.

MAUSS, Marcel. *Les techniques du corps*. In: Sociologie et Anthropologie. Paris: PUF, 1934.

MCKENZIE, Jon. *Perform or Else - From Discipline to Performance*. Londres e Nova Iorque, Routledge, 2001.

MOSTAÇO, Edelcio. *Espaço e Performatividade*. O Percevejo Online, UNIRIO/Rio de Janeiro, V. 8, n. 1, p. 103-111, 2016. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/5761>. Acesso em 20 jan. 2020.

RIBEIRO, Ana Clara T. *Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades*. Revista Redobra, Salvador, ano 3, nº 9, p. 58-71, 2012. Disponível em: [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9\\_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf). Acesso em: 20 jul. 2019.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2006.

SCHECHNER, Richard. *O que é performance?* O Percevejo, UFRJ, Rio de Janeiro, Ano 11, nº 12, p. 25-50, 2003.

SILVA, Renata. *Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades*. 2019, 154 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694?locale=pt\\_BR](http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694?locale=pt_BR). Acesso em: 20 set. 2020.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intraurbano no Brasil*. São Paulo, FAPESP: 2001.